

## **As práticas de leitura na educação infantil**

**(Reading practices in early childhood education)**

**Meire Catalani Beluzo Amorim <sup>1</sup>; Alessandra Corrêa Farago<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Graduanda em Pedagogia- Centro Universitário Unifafibe- Bebedouro- SP  
meirebeluzo@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do Centro Universitário Unifafibe- Bebedouro- SP  
farago@unifafibe.br

**Abstract:** *This study intends to examine the practices of teaching reading in Early Childhood Education, emphasizing the need of using different text genres, as a continuous process, beginning at home and improving at school, contributing to students in literacy classes. The role of the teacher as a mediator is essentially important in reading activities, utilizing various resources to make it appealing and meaningful to the learners. For that matter we used a literature search based on books and scientific articles that discuss the subject, indicating as basis some teaching concepts with the purpose of learning, enabling the child to a playful and pleasurable experience that leads to a permanent interest in reading.*

**Keywords:** *reading; text diversity; role of teachers and school.*

**Resumo:** *Este estudo pretende analisar as práticas de ensino da leitura na Educação Infantil, ressaltando a necessidade de utilizar diversos gêneros textuais, como um processo constante, que se inicia em casa e se aperfeiçoa na escola, contribuindo quando os alunos estiverem nas classes de alfabetização. O papel do professor como mediador é de fundamental importância nas situações de leitura, utilizando diferentes recursos para se tornar uma atividade atrativa e significativa para o aluno. Para isso adotamos uma pesquisa bibliográfica com base em livros e artigos científicos que abordam o assunto, indicando como base concepções de ensino com finalidades de aprendizagem, possibilitando para a criança um contato lúdico e prazeroso que levem a um interesse permanente pela leitura.*

**Palavras-chave:** *leitura, diversidade textual, papel do professor, escola.*

### **Introdução**

A escrita está presente em toda sociedade, em todo lugar e com uma grande diversidade de textos que necessitam da leitura para sua interpretação. Ler é poder

compreender, interpretando diversos tipos de textos com diferentes gêneros textuais contribuindo para a autonomia dos cidadãos.

Em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem por meio da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual, faz necessária uma formação que dê conta da inserção plena do indivíduo na cultura letrada.

Alguns dos desafios atualmente enfrentados pelas escolas é que seus alunos se tornem bons leitores e, para isso, é preciso que todos os responsáveis pelo ensino escolar estejam convencidos que a leitura é de extrema importância para a vida do indivíduo, tanto social como cultural.

Em razão disso, a leitura iniciada desde a Educação infantil deve ser considerada para enriquecer o potencial linguístico, promovendo oportunidade mais eficaz de educação, desenvolvendo a linguagem e o desempenho intelectual das pessoas, aumentando a transmissão de conhecimento, auxiliando na formulação de perguntas e respostas correspondentes.

A leitura deve ser constantemente trabalhada por meio das atividades pedagógicas, com grande quantidade de textos e livros da literatura infantil. Percebe-se a necessidade da aplicação coerente de atividades que despertem o prazer de ler, e estas devem estar presentes diariamente na vida das crianças.

Devemos transmitir essa convicção aos que estão iniciando a leitura, para o progresso de seu desenvolvimento, sendo uma experiência sistematicamente positiva com a linguagem antes do contato com os meios de comunicação.

Pretende-se nesse estudo, analisar o ensino de leitura na Educação Infantil, ressaltando a importância e a contribuição do ensino para o indivíduo se tornar um bom leitor, e se inserir em uma sociedade letrada. Análise esta, baseada na seguinte questão: Como o ensino da leitura na Educação Infantil pode contribuir para a aprendizagem e para vida social e cultural da criança?

Ao longo deste estudo, consideramos o conceito de leitura fundamentado por Solé (1998, p. 24), que se refere a “leitura como um processo de interação entre o leitor e o texto, em busca de uma finalidade”

O estímulo para a leitura deve começar desde cedo. Para isso, a criança deve criar um vínculo afetivo com a leitura, tendo a prática como um momento de prazer, excluindo o rótulo de que ler não é legal, e somos nós adultos que temos que incentivar o interesse e gosto pela leitura.

*Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2 (1): 134-154, 2015.

Bamberger (1995) afirma que a leitura é o meio mais importante para processo de ensino-aprendizagem, pois isso possibilita a construção de habilidades linguísticas para compreender e interpretar os textos, ensinando o aluno a falar e escrever melhor. É por meio da expressão e compreensão que transmitimos todas as experiências da nossa vida, seja por opinar, argumentar, manifestar, etc.

Assim, entendemos que a leitura é fonte de conhecimento e informação, formando leitores com capacidade criadora, despertando prazer, emoções, descobertas e conduzindo uma melhor compreensão da vida e do mundo.

Segundo o Brasil (1998b), a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, que pode ser entendido como leitores que usam desse recurso para atender suas necessidades ou exercer atos de cidadania.

Partindo da premissa que o ensino da leitura é importante nas práticas sociais e tem como finalidade a formação intelectual na vida do indivíduo, este trabalho visa analisar as práticas de leitura na Educação Infantil uma vez que, este ensino precisa acontecer em situações significativas, reconhecendo a leitura como atividade social, um fator possibilitador de sua atuação no mundo contemporâneo e a inserção do indivíduo ao mundo letrado.

Diante do exposto, esse estudo irá se pautar nas práticas de leitura que contemplam uma concepção de linguagem numa perspectiva interativa, com orientações para proporcionar práticas permanentes no dia-a-dia do aluno, apresentando material de leitura apropriado acessível e adequado para a Educação Infantil, no sentido de reconhecer sua significância para a vida intelectual do indivíduo para sua aprendizagem e seu progresso.

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica com base em livros e artigos científicos consultados no site da *Scielo*, auxiliando na obtenção de informações, permitindo que o estudo seja analisado sobre nova visão e fundamentação teórica. Segundo Gil (2002, p. 45), “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Este artigo foi estruturado em três tópicos: no primeiro, apresentamos a concepção de leitura que fundamenta o trabalho de formação do leitor; no segundo, contextualizamos as modalidades e processos de leitura utilizados no contexto educativo e o último tópico, analisamos algumas práticas de leitura utilizadas com as crianças da Educação Infantil.

## 1. O que é ler?

Atualmente, a leitura tem grande importância na sociedade contemporânea, vindo a ser uma preocupação para o ensino escolar. Existem diferentes modelos que podem explicar o que é ler. No entanto, neste artigo o modelo interativo será adotado a fim de fundamentar a leitura como sendo um processo de interação entre o leitor e o texto, em busca de uma finalidade (SOLÉ, 1998, p. 24).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a, p. 47), a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, que pode ser entendido como leitores que usam desse recurso para atender suas necessidades ou exercer atos de cidadania.

Já de acordo com Colomer e Camps (2002) ler é interpretar, entender o significado do texto. A leitura não define em apenas decodificar o texto, mesmo sendo um elemento importante em sua prática. Atualmente algumas definições simples de leitura são ainda muito presentes no campo escolar baseando seu ensino em atividades que não priorizam sua interpretação, e sim ensinar “como se lê”.

Diante do exposto, é muito comum trabalhar o ensino da leitura com palavras soltas, letras isoladas, soletração, tendo como prioridade a pronúncia correta e não a busca do significado. Essa concepção leitora foi utilizada durante séculos, mas nos últimos anos algumas teorias nessa área modificaram sua prática.

Colomer e Camps (2002) ponderam que o processo atual da leitura é realizado por meio de teorias que deixam explícito como o indivíduo interpreta e processa a informação, tendo o uso dos processos mentais e os processamentos informáticos. Nesse sentido um modelo foi constituído na concepção tradicional de leitura, se definindo como: “Processamento ascendente”.

Para estas autoras (2002), tal “modelo supõe que o leitor começará por fixar-se nos níveis inferiores do texto (os sinais gráficos, as palavras) para formar sucessivamente as diferentes unidades linguísticas até chegar aos níveis superiores da frase e do texto”. (p. 30). No entanto, o leitor nesse processo deverá decifrar os signos, oralizá-los, ouvir e pronunciá-los, para assim obter o significado das palavras, frases e seu sentido global.

Contudo, pelo conhecimento que atualmente temos, essa combinação não é mais presente no processo da leitura, pois a interpretação não é mais advinda pela oralização. Existem outros mecanismos que tomam parte da interpretação de um texto. São aqueles que

formam o “Processamento descendente”, pois não exercem a ação como as anteriores, da decomposição do texto para à compreensão do leitor, e sim ao contrário.

Colomer e Camps (2002) afirmam que a intervenção no processamento descendente, o de cima para baixo, é um componente necessário da leitura corrente. “Permite ao leitor resolver as ambiguidades e escolher entre as interpretações possíveis do texto”. (p. 30).

O processamento descendente é um elemento fundamental para a leitura de modo fácil, claro e rápido, podendo assim o leitor esclarecer as dúvidas e interpretar o texto.

Segundo Adam e Starr (1982 apud COLOMER; CAMPS, 2002):

Quando se lê um texto com significado não se lêem as letras, as palavras e as frases que o compõem do mesmo modo que se fossem apresentadas isoladamente e, inclusive, a velocidade da leitura de uma frase depende do contexto à sua volta.

Entretanto, o leitor não obtém o significado do texto na soma das palavras, pois o significado se relaciona com outros elementos como a frase que é proposta, sua estrutura, parágrafo, ideia central do texto e gestos dos personagens. Sendo assim, uma leitura que ocorre verbalmente não fica explícita sua informação, e o leitor deverá deduzir e interpretar continuamente com informações, conhecimentos, elementos do texto que são divididas entre emissor e receptor.

Estes estudos mostram que quando o indivíduo lê buscando um significado para o texto através de sinais visuais e mecanismos, logo lhe concedem um sentido, isto é, compreendê-lo. O conhecimento prévio que o leitor traz e o que ele encontra no texto, são dois processos que acontecem ao mesmo tempo denominados modelos interativos de leitura.

Adam e Starr (1982, p. 31), afirmam que: “O texto proporciona apenas uma das fontes críticas de informação. É preciso que o resto provenha dos conhecimentos prévios do leitor”.

Assim, compreendemos que o processo ascendente se torna passivo diante do modelo interativo, sendo que neste o leitor é um indivíduo ativo que aplica todos os tipos de conhecimentos na obtenção de informações, reconstruindo o significado do texto, interpretando, elaborando e modificando através de seus conhecimentos prévios.

Certamente, ler não é apenas decodificar os signos, mas é uma construção de raciocínio através de informações que o texto traz e pelos os conhecimentos prévios do leitor.

De acordo com Ferreira e Dias (2002) no modelo ascendente o leitor processa o texto partindo das letras, continuando com as palavras e as frases em um processo sequencial, compreendendo assim, o texto.

Contrariando o primeiro modelo, o modelo descendente afirma que o leitor não faz a leitura letra por letra, ele usa seu conhecimento prévio e a cognição para antecipar a leitura, permitindo assim o reconhecimento global das palavras. Desta forma, quanto mais contato e informação ele obter sobre o conteúdo que vai ler, terá menos dificuldade para interpretar.

Desse modo, o processo de leitura do leitor perante ao texto, é gerado por expectativas processando os diferentes níveis, propagando para níveis mais elevados.

Colomer e Camps (2002) ponderam que a partir dos anos 80, com o surgimento da informática e os avanços dos estudos da linguística textual, o trabalho das pesquisas sobre leitura centralizou-se no processo de compreensão de texto.

Segundo Hall (1989 apud COLOMER; CAMPS, 2002), quatro pontos que fundamentaram a pesquisa:

1. A leitura eficiente é uma tarefa complexa que depende de processos perceptivos, cognitivos e linguísticos.
2. A leitura é um processo interativo que não avança em uma sequência escrita desde as unidades perceptivas básicas até a interpretação global de um texto. Ao contrário, o leitor experiente deduz informação, de maneira simultânea, de vários níveis distintos, integrando ao mesmo tempo informação grafofônica, morfêmica, semântica, sintática, pragmática, esquemática e interpretativa.
3. O sistema humano do processamento da informação é uma formação poderosa, embora limitada, que determina nossa capacidade de processamento textual. Sua limitação sugere que os processos de baixo nível funcional automaticamente e que, portanto, o leitor pode atentar aos processos de compreensão de alto nível.
4. A leitura é estratégica. O leitor eficiente atua deliberadamente e supervisiona de forma constante sua própria compreensão. Está alerta às interrupções da compreensão, é seletivo ao dirigir sua atenção aos diferentes aspectos do texto e progressivamente torna mais precisa sua interpretação textual. (p. 32).

Dentro dessa perspectiva da pesquisa, para o progresso do ensino da leitura definiu-se que haja duas mudanças para o progresso do ensino da leitura. A primeira é a decifração que não será mais um conceito para o leitor entender o código escrito e sim, um elemento dentro do conjunto de habilidades que são primordiais para o entendimento do texto. A segunda propõe o ensino da leitura compreendida na interpretação da realidade, e deve ser ampliado em todo ensino escolar.

Colomer e Camps (2002) defendem que a leitura é um processo para obtermos informações de variados assuntos, e sua compreensão varia conforme os conhecimentos prévios que o indivíduo já possui, em um processo de elaboração desses conhecimentos antes do entendimento dessa informação.

*Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2 (1): 134-154, 2015.

Mayer (1985 apud COLOMER; CAMPS, 2002), cita em sua obra a comparação entre o funcionamento do cérebro humano e o de um computador, sendo utilizadas em estudo e se resume no seguinte modelo:

- a) Percepção: de início o processo utiliza-se dos estímulos perante aos sentidos, com luzes, músicas, palavras, em situações adversas com o propósito do indivíduo, pois, o mesmo só escolhe os estímulos que queira perceber. Em qualquer situação, os estímulos selecionados não duram por muito tempo, sendo assim tem que se incorporar com outras combinações que virão a seguir.
- b) Memória: na sequência se a informação não for apreciada, iniciará um processo para a conservação dessa informação na memória. É importante para poder refletir, mesmo não podendo realizar as operações que se englobam no termo *pensar*, assim, a partir das informações que nosso cérebro disponibiliza, sendo introduzidas e retidas, essas informações são recuperadas quando houver necessidade.

Este estudo aborda diferentes tipos de memória entre elas: verbal e significativa, e para a representação do processo de informação, deve-se diferenciar memória a curto e a longo prazo.

Podemos compreender, com base em Colomer e Camps (2002), que “a memória a curto prazo, ou memória de trabalho, caracteriza-se por ter uma capacidade limitada tanto no tempo como na quantidade de informação retida”. (Pág. 34). Neste caso não tem a necessidade que a informação seja conservado no todo, mas pode ser completada em conjuntos maiores.

Já a memória a longo prazo, diferente da anterior, define-se pela sua maior duração e capacidade”. E graças a essa capacidade que se pode reter tudo o que sabe sobre o mundo, desde que a informação tenha sido organizada de forma compreensível e seja significativa para o sujeito. (COLOMER E CAMPS, 2002, p. 35).

1. Uma informação organizada, já que se pode comprovar facilmente que não se retêm de modo duradouro dados, palavras ou notas musicais desconexas, ao passo que é muito simples, por exemplo, recordar para sempre uma música, uma frase determinada ou a representação organizada de tudo o que se sabe sobre um tema. Assim, a organização da informação em uma estrutura que relacione os dados é fundamental para que seja retida e conserve a possibilidade de ser utilizada posteriormente.

2. Uma informação significativa, já que a nova informação será recordada de modo mais perene, à medida que possa ser relacionada com os interesses e conhecimentos de quem a recebe. Uma explicação sobre a permeabilidade dos capilares, por exemplo, por mais estruturada que fosse,

não poderia ser integrada na representação da realidade de alguém que não possua conhecimentos suficientes de biologia ou não sinta a necessidade de receber esse tipo de informação. (COLOMER E CAMPS, 2000, p. 35).

O objetivo da leitura é interpretar a informação que o texto nos traz através do processamento. Smith (1983 apud COLOMER; CAMPS, 2002), chama de duas fontes de informação da leitura: *a informação visual ou por meio dos olhos*, que consiste na informação proveniente do texto, *e a informação não-visual ou de trás dos olhos*, que consiste no conjunto de conhecimentos do leitor”.

Nesse sentido, através da informação que o leitor obtém da leitura e de seus conhecimentos prévios, o significado será construído em um processo dividido da seguinte forma:

1. A formulação de hipóteses. Quando o leitor se propõe a ler um texto, uma série de elementos contextuais e textuais ativa alguns de seus esquemas de conhecimentos e o leva a antecipar aspectos do conteúdo. Suas hipóteses estabelecem expectativas em todos os níveis do texto, são formuladas como suposições ou perguntas mais ou menos explícitas para as quais o leitor espera encontrar resposta se continuar lendo.
2. A verificação das hipóteses realizadas. O que o leitor antecipou deve ser confirmado no texto mediante os indícios gráficos. Inclusive as inferências têm de ser confirmadas, já que o leitor não pode acrescentar *qualquer* informação, mas apenas as que se encaixem segundo regras bem-determinadas que também podem ser mais ou menos amplas em função do tipo de texto. Assim, o leitor buscará indícios em todos os níveis de processamento, de modo a comprovar a certeza de sua previsão. Para fazer isso, terá de fixar-se em letras, marcas morfológicas ou sintáticas (como a separação de palavras, os sinais de pontuação, as maiúsculas, os conectivos, etc.) e inclusive em elementos tipográficos e de distribuição do texto.
3. A integração da informação e o controle da compreensão. Se a informação é coerente com as hipóteses antecipadas, o leitor a integrará em seu sistema de conhecimentos para continuar construindo o significado global do texto mediante diferentes estratégias de raciocínio. (ALLIENDE; CONDEMARIN, 2005, p. 37)

#### 1. Formulação de hipóteses:

O ato da leitura, as unidades linguísticas são antecipadas pela previsão das palavras, frases ou no contexto da história. A partir do conhecimento prévio do leitor em relação aos níveis superiores, formulando suposições aos níveis inferiores. Com isso, o leitor avança no decorrer do texto por meio da previsão de que as frases irão surgir no momento da leitura, antecipando as letras. Vale ressaltar que é essencial o uso das inferências nas informações que não ficaram claro para o aluno. O leitor não compreenderá o texto apenas com repetição da memória, e sim a partir de formulações e na dedução das relações entre as frases, integrando

outras informações que não foram compreensíveis com as já existentes, pois o autor imagina que o leitor já é capaz de inferir, deduzir as informações no decorrer da leitura.

Segundo Colomer e Camps (2002, p. 38) “as inferências se produzem em todos os níveis do texto e suas funções podem ser divididas em dois grandes grupos conforme se traga informação externa ao texto ou se conectem elementos em seu interior”. No primeiro grupo de inferências, pode se ter como exemplo as circunstâncias anteriores de um passeio, onde o leitor através da leitura da frase “Fui passear de carro”, deduz o que o personagem fez antes do fato, os detalhes que antecedeu o passeio como por exemplo, se arrumar, ir até a garagem, ligar o carro.

No entanto, no segundo grupo as inferências são atribuídas às funções conectivas, determinando conexão entre as ações como “caiu e machucou”, relacionando motivo e resultado.

Como dizem Warren, Nicholas e Trabasso (1979 apud COLOMER; CAMPS, 2002), as inferências são divididas da seguinte forma:

1. Relações lógicas:
  - a) De motivação. Por exemplo, em um texto como “Precisava desse medicamento para curar meu filho”, pode-se esperar que o personagem vai fazer algo para consegui-lo;
  - b) De capacidade. Se um personagem é lenhador, pode-se esperar que saberá cortar uma árvore se a situação exigir;
  - c) De causas psicológicas. Podem se deduzir as causas de muitos anímicos atribuídos aos personagens;
  - d) De causas físicas. Pode-se pressupor que é a chuva que causa o transbordamento de um rio, quando se assinala a presença desses dois fenômenos.
2. Relações informativas:
  - a) De contexto especial e temporal, pelas quais deduzem-se os cenários e a cronologia dos fatos. Assim, em “Sentou-se e sorriu”, entende-se que a primeira ação é anterior à segunda a partir de sua ordem sintática.
  - b) De relações pronominais e léxicas, com as quais pode-se estabelecer o sistema de referências pronominais e nominais do texto e se resolvem as ambiguidades semânticas das palavras, Em “Maria concordou. Ela sempre havia esperado isso”, entende-se que *ela* refere-se a Maria.
3. De avaliação:
 

Trata-se das inferências baseadas em juízos morais e sociais. Se um personagem rouba e engana é considerado reprovável; quando se explicam as causas de um desastre ecológico, pressupõe-se que é lamentável que tenha acontecido, etc. (p. 39).

## 2. Verificação das hipóteses:

Nos anos 70, a partir de alguns estudos referentes à leitura, surgiram alguns questionamentos sobre o processo da leitura, onde eram determinante o ensino pelos signos *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2 (1): 134-154, 2015.

gráficos para dar início a reorganização dos níveis superiores. Atualmente com a tecnologia, esses estudos obteve um resultado dos movimentos oculares do leitor, e como ele vê, oraliza e analisa esse texto.

a) O significado é captado sem necessidade de oralizá-lo:

O ato de medir o tempo no momento da leitura, deixa explícito que a leitura de um texto ocorre de forma mais rápida, do que o leitor fosse recitá-la. “A possibilidade de leitura compreensiva de um texto situa-se provavelmente em 400 palavras por minuto, enquanto a emissão oral no mesmo período, em compensação, limita-se a umas 250 palavras” (p. 39).

Assim, essa discordância colaborou para deixar explícito a função social da leitura, intensificando o conceito que se compreende o significado do texto através dos sinais gráficos, dispensando a transição para o código oral. Porém, relacionando os signos gráficos e unidades fonéticas, não se pode afirmar que eles são ocultos na escrita. Para desenvolver uma leitura eficaz utilizando a emissão oral, o leitor necessita de sua compreensão aplicando componentes que não se deduz através do som, componentes como a fonética, e de letras que exerce diversas funções.

b) Os olhos exploram os textos:

A partir do estudo dos movimentos oculares no decorrer da leitura, ficou estabelecido que o leitor não progride por movimentos graduais pelas letras, os olhos mudam em movimentos bruscos, e recuam para reintegrar informações erradas ou perdidas. “Durante o salto, não se percebe o texto, e é durante cada fixação que se envia ao cérebro a informação do fragmento alcançado no novo olhar para finalmente *ser lido*”. (COLOMER E CAMPS, 2002, p. 40).

c) Percebem-se conjuntos informativos:

Na comparação entre leitores iniciantes e leitores competentes, ficou claro que a diferença consiste na quantidade de signos que foram compreendidos. Com isso, os leitores iniciantes tem uma percepção ocular bem reduzida, forçando a aumentar o número de fixações em mais de uma palavra durante a leitura, e no entanto os leitores competentes utilizam uma percepção ocular mais extensa, cessando apenas uma palavra por vez.

Portanto, nesse campo ficou constatado que a percepção do leitor durante a fixação não necessita apenas da habilidade do leitor, porém os elementos que serão compreendidos são elevados e organizados em blocos significativos. Assim, o texto que tem sentido auxilia a leitura de uma maneira mais elevada, sendo incomparável à de um texto incoerente.

No exemplo a seguir, Smith (1983 apud COLOMER; CAMPS, 2000, p. 40), resume a habilidade durante uma fixação de olhar a partir dos elementos e seus significados:

KYBVODUWGPJMSQTXNOGMCTRSO

Letras ao acaso: quatro ou cinco

HÁBIL SALTAR TRIGO POBRE PORÉM

Palavras não-relacionadas: aproximadamente duas (10-12 letras)

OS SOLDADOS DISPARAM ARMAS

Uma frase significativa: quatro ou cinco palavras (aproximadamente 25 letras).

## 2. A leitura na Educação Infantil

A Educação Infantil que conhecemos hoje não é mais concebida como abrigo, e não exerce mais um papel assistencialista. Entretanto, sabemos que atualmente as instituições passam por muitos desafios para oferecer um ambiente educativo, favorecendo o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor da criança, envolvendo atividades que tem como objetivo o educar, atendendo as necessidades das crianças, não se limitando apenas ao cuidar (FERREIRA E DIAS, 2002).

Por esse motivo, o ensino da educação infantil não apresenta caráter classificatório, mas o professor deve ficar atento, pois, o aluno pode desenvolver algumas competências nessa etapa.

Diante deste fato, o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998b), dentro do eixo linguagem oral e escrita, tem como objetivos e conteúdos orientações didáticas para a Educação Infantil atendendo às expectativas esperadas nessa faixa etária ressaltando que o ensino da leitura e escrita fazem parte de um processo com participais em práticas sociais de leitura e escrita (BRASIL, 1998b, p. 123).

Alguns dos objetivos esperados para o ensino da leitura na Educação Infantil, são citados no RCNEI (BRASIL, 1998b, p. 131):

- a) Ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir de as outras pessoas, elaborar e responder perguntas;
- b) Familiarizar com a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;
- c) Escutar textos lidos, apreciando a leitura pelo professor;
- d) Escolher os livros para ler e apreciar.

Quando os alunos não lêem convencionalmente é importante realizar diversas situações de aprendizagem de leitura para anteceder e enriquecer a alfabetização.

Bamberger (1995, p. 24) define que “contar histórias em voz alta utilizando livros com gravuras é muito importante para a motivação da criança e o desenvolvimento de seu vocabulário”.

Dessa forma, trabalhar com ilustrações é importante para os leitores iniciantes, pois estimula o interesse da criança, ajudando a compreender o texto por meio do contato com a linguagem não-verbal.

O que se constata é que ter a oportunidade de manusear livros é decisivo para despertar o interesse pela leitura. Por isso, as bibliotecas escolares são de extrema importância para o contato direto das crianças com os livros.

A Biblioteca escolar torna-se fundamental para o desenvolvimento das atividades pedagógicas que ampliem os conteúdos oferecidos em sala de aula, contribuindo como incentivo para despertar o gosto pela leitura.

Com base em Allende e Condemarín (2005, p. 160), as bibliotecas se tornam indispensáveis durante todo o percurso escolar, e as vantagens de promover as práticas de leitura neste ambiente são:

- Põem à disposição dos meninos e meninas um conjunto variado de materiais que lhes permitem desfrutar da leitura e aprender em seu próprio ritmo e nível.
- Proporcionam uma base de apoio para que o professor enriqueça a comunicação e o desenvolvimento das quatro modalidades básicas da linguagem escutar.
- Estimulam a compreensão leitora e, como consequência favorecem o seu desenvolvimento.
- Fazem com que as aprendizagens sejam mais divertidas, porque os materiais que contém são predominantemente de caráter literário ou recreativo.
- Têm a virtude de familiarizar os alunos e alunas com uma grande quantidade de palavras e estruturas lingüísticas. Assim proporcionam ao professor uma fonte inesgotável de exemplos lingüísticos, dentro de contextos literários ou informativos.
- Como os livros das bibliotecas de aula são predominantemente literários, permitem que os alunos e as alunas se familiarizem progressivamente com diversos tipos de gêneros e com diversos autores e enriquecem seu próprio mundo com as descobertas proporcionadas pela literatura.

Diante disso, entendemos que o ambiente bibliotecário contribuirá de forma relevante para estimular e enriquecer a aprendizagem do aluno. No entanto, esta prática deve ser

planejada pelo professor com dinamismo e renovação, disponibilizando materiais com fácil acesso para o seu manuseio, tendo como objetivo principal sua participação e familiarização com diversas estruturas lingüísticas.

De acordo com a Ireland (2007), 774 milhões da população no mundo são analfabetas, não possuindo competências para ler, escrever e compreender um texto escrito. Essa defasagem é concebida por fatores sociais, econômicos e metodologias pedagógicas que não são pertinentes para um ensino de qualidade.

O Brasil está entre os países monitorados e se inclui no grupo E9 composto por nove Países: Brasil, Bangladesh, China, Egito, Índia, Indonésia, México, Nigéria e Paquistão, e a taxa de analfabetismo é semelhante com a da China, Indonésia e México chegando a 11,1% da população. Constatou-se que nestes Países, concentram mais da metade dos alunos em período escolar, em um índice de 70% dos 771 milhões de analfabetos no nosso Planeta.

Segundo Ireland (2007), desde a infância, o indivíduo é inserido ao mundo letrado. Seja em seu ambiente familiar, escolar ou sobre circunstâncias sociais e pessoais fora de seu espaço. No entanto, para desenvolver uma leitura eficiente, o leitor precisa adquirir habilidades que sejam suficientes para realizar leituras mais amplas e complexas que existem ao seu redor. Para isso, as instituições escolares sistematizam o ensino básico, ampliando através das habilidades adquiridas.

No Brasil, o Sistema de Avaliação Básica (SAEB), verificou as capacidades de Língua Portuguesa descrevendo por escalas o desempenho alcançado pelos alunos da Educação Básica. Dentro desse assunto, uma pesquisa mais ampla foi realizada pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), abordando as competências que são utilizadas no fortalecimento da autonomia do indivíduo, aplicando conhecimentos nos outros em um momento de interação, utilizando de linguagens e textos.

**TABELA 10.1 – Nível de capacidade para a leitura por condição de sucesso do aluno (%).**

<p><b>As pesquisas que dizem que a maioria dos alunos da 4º série não sabem ler adequadamente para este nível de escolaridade refletem a condição dos seus alunos</b></p>	<p><b>Mal Sucedidos</b></p>
---	-----------------------------

<b>Sim a maioria dos meus alunos não tem a devida competência.</b>	<b>53,1%</b>
--	--------------

Fonte: Adaptado de IRELAND, Vera Esther (Coord.). **Repensando a escola:** um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever. Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2007.

Portanto, constatou-se que o fator social, cognitivo e físico influencia para que as pessoas se identifiquem perante a sociedade, considerando as competências que são adquiridas para viver em um mundo com diversas transformações e vencendo desafios. As competências estão relacionadas às habilidades no uso de textos e da linguagem, sendo uma ferramenta importante nas práticas sociais (IRELAND, 2007).

Essa investigação evidencia a inexistência de materiais didáticos como: livros de literatura, lápis e borracha, e de uma estrutura física adequada para o estímulo à leitura, como a necessidade de uma biblioteca ou sala de leitura com materiais diversificados. Destaca também a falta de comprometimento dos pais, pois muitos alunos têm dificuldades e não tem essa ajuda em casa. O trabalho ensino-aprendizagem deve ser em conjunto “Família = Escola”, em um processo efetivo e participativo, que seja iniciado desde cedo para poder desenvolver um processo de apropriação dos mecanismos de interpretação de textos eficiente, contribuindo de forma eficaz na melhora do conhecimento do aluno, com vistas a para uma educação de qualidade.

Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: interesse e motivação. A criança deve ler por prazer e não por obrigação, cabendo aos pais e a escola desenvolver esse hábito.

Dentre esse contexto, considera-se que os bons livros infantis como: poesia, fábulas, histórias em quadrinhos, contos, etc, são fundamentais para o ensino da leitura. As crianças se interessam pelo destino dos personagens e o final da história.

Nesse contexto, o professor tem papel fundamental no ensino da leitura sendo o mediador nas diversas práticas de leitura que ocorrem dentro da sala de aula, utilizando de diferentes recursos para realizar uma atividade significativa para a criança.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998b, p. 143), o professor, como leitor deve se preocupar em criar um ambiente agradável e convidativo, gerando as expectativas e permitindo o contato direto com as ilustrações enquanto a história é lida, fazendo que desde cedo as crianças se interessam para ouvir as histórias.

As instituições de Educação Infantil devem oferecer para as crianças um ambiente alfabetizador que possa favorecer no seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, proporcionando contato com a leitura e a cultura escrita, realizando experiências dinâmicas com as crianças como: exposições de livros na sala de aula, visita à biblioteca, desenhos sobre os livros, proporcionando novas habilidades, além do prazer que encontram no conteúdo do livro. Muito importante que no momento da leitura a criança perceba os elementos pré-textuais: autor do livro, o gênero, os elementos da capa, contracapa, editora, título da história e outros aspectos que devem ser considerados para levar o aluno a inferir sentido no que vai ser lido.

É importante ressaltar que nos primeiros anos da escola a atenção tem que estar voltada para as atividades do período pré-escolar, sendo contínuas, trabalhando com relato de histórias e, através dele colecionando palavras, tendo como fundamento a expansão do vocabulário considerado o mais importante para o ensino da leitura.

Um dos principais objetivos do período pré-escolar é incentivar a criança no ensino da leitura, realizando a prática diariamente dentro ou fora da escola (rodas de leitura no parque), tornando mais fácil a aprendizagem nos primeiros anos de escola. Levando em consideração que nos primeiros anos de escola a criança é voltada para a brincadeira, não podemos sobrecarregar com atividades nessa área.

Utilizar diversos gêneros de livros, clássicos da literatura infantil e textos literários da educação infantil, aproximando as crianças de leituras significativas e diversificadas, visando o ensino da leitura para a formação de leitores competentes, ampliando seu desenvolvimento intelectual.

Solé (1998, p. 34), defende que no ensino da leitura só se aprende a ler lendo, e que o leitor deve estar em contato com os mais diversos tipos de textos que se utiliza no dia a dia, mostrando para a criança o que precisa ser construído no aprendizado da leitura.

Assim sendo, salientamos que para o aluno se interagir com o texto é muito importante que eles saibam as finalidades da leitura, ou seja, quais as intenções que os diferentes tipos de textos nos apresentam. Para isso, precisaremos oferecer diferentes tipos de textos, tais como: poesia, notícia, manual de instruções, receitas, convites, parlendas, trava-línguas, cantigas de roda, contos de fadas, entre outros.

Daí a necessidade de prevalecer a aprendizagem em um ambiente lúdico, a criança ter prazer em aprender, deve-se respeitar às crianças e suas fases de desenvolvimento.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que os inúmeros recursos que os professores podem utilizar para o ensino da leitura são procedimentos estimuladores e interessantes, mas o que mais motiva as crianças a ler e escrever, é ver através dos adultos a importância para elas estar lendo e escrevendo.

### **3. As práticas de leitura na Educação Infantil**

Como vimos, anteriormente o conceito de leitura normalmente se relaciona com a decifração de códigos linguísticos, também temos que considerar a capacidade do leitor, sua cultura, todo seu processo social. Ao realizarmos uma leitura, relacionamos tudo que já sabemos com aquilo que o livro nos traz de novo, reformulando significados a partir de novas ideias.

Segundo Porcaccia e Barone (2011), quando lemos para uma criança a linguagem oral automaticamente se mistura com a escrita, mas quando a criança realiza a leitura, o contato com a leitura e escrita é bem maior, sendo indispensável para a formação do leitor. Através da prática de leitura, o indivíduo adquire o total domínio da palavra aprimorando seus conhecimentos, representando o ato de ler por meio da escrita, ampliação de vocabulários, o pensar, refletir e a participação social do leitor na cidadania.

Quando o leitor se identifica com o texto lido sobre sua vida, valores e desejos, a leitura passa a ter uma dupla função: transmissão de valores e sentidos de cultura.

Uma prática extremamente relevante na Educação Infantil é o trabalho com a literatura infantil, por meio da roda de leitura realizada diariamente. Para isso, é importante que se utilize procedimentos “antes, durante e depois da leitura”, promovendo uma oportunidade para o sujeito falar transmitindo seus valores, sua cultura, relações sobre sua vida, conflitos do dia a dia.

Dessa forma, é importante que antes da leitura o professor escolha o muito bem o que será lido, conhecendo o texto em seus detalhes, preparando-se para ler; apresentando o livro às crianças: capa, folha de rosto, autor, editora, dedicatória, resumo da história na contracapa); fazendo com que as crianças levantem hipóteses sobre o tema a partir do título/ capa; comentando um pouco sobre o autor e a obra; compartilhando os motivos da sua escolha e comentando o assunto do qual trata o texto;

Outro momento importante para mobilizar estratégias de compreensão é durante a leitura, permitindo que as crianças olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida, *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2 (1): 134-154, 2015.

criando certo suspense e não interrompendo a leitura sempre que uma palavra nova ocorrer é cuidado básico para que a criança construa a sua própria interpretação do texto.

Para depois da leitura, utiliza-se alguns procedimentos, tais como: lembrar de outros textos conhecidos a partir do texto lido; favorecer a conversa entre as crianças para que possam compartilhar o efeito que a leitura produziu, trocar opiniões e comentários - compartilhar impressões sobre a leitura: o que cada um gostou mais e, eventualmente, reler os trechos favoritos.

Segundo Porcaccia e Barone (2011), as práticas de leitura como um espaço facilitador em um encontro com elas mesmas, a realidade objetiva e subjetiva, tendo como foco o amadurecimento do indivíduo e uma reflexão crítica. Livro somado à história gerando um novo olhar nas crianças através de suas experiências pessoais, expondo suas narrativas, passando da onipotência imaginária para a onipotência cultural.

As práticas de leitura devem começar desde a Educação Infantil, oferecendo diversos portadores de textos começando pelo mais simples e se adequando às necessidades do aluno, que serão benéficos para a aprendizagem da criança, selecionando aqueles que podem favorecer uma reflexão crítica.

A partir desses levantamentos, cabe-se oferecer um espaço acolhedor dentro ou fora da escola para poder sentar e ouvir as histórias, desenvolvendo no aluno autonomia e segurança.

Além disso, histórias com função lúdica e criativa, despertam o prazer pela leitura e propicia uma identificação de mundo, sendo capazes de assumir suas ações, reconhecendo os pontos positivos e negativos. As crianças observam os gestos de tristeza, alegria, de amor, raiva, tom da voz, expressões faciais, identificando e fortalecendo o sentimento de si mesmo.

Isso pode ser aflorado por meio da utilização do texto literário que humaniza, constrói e reconstrói o sujeito leitor dando significado à sua história pessoal. Segundo Bettelheim (1999), a literatura traz sua contribuição nas formas de educar tendo objetivo principal a formação de personalidade do sujeito em sua própria realidade.

Petit (2006 apud COLOMER; CAMPS, 2002), reconhece que a leitura abre oportunidades para o indivíduo se expressar, tomando posição de sujeito e desenvolvendo uma narrativa interna (p. 396). O considerado “sujeito inteiro”, e o campo da leitura é o mundo interno do sujeito composto por ações, emoções, sentimentos, pensamentos e representações.

Considerando o livro um importante objeto cultural, é essencial que todos tenham acesso, principalmente os que não tiveram condições. Petit (2006, p. 397), afirma que o livro talvez é a única saída para as pessoas que vivem em condições de miséria e pobreza.

Interagir com os alunos após a leitura, fazendo perguntas sobre a história, deixando-os à vontade para falar e expressar suas opiniões. Relacionar com os alunos acontecimentos da história e das vidas das crianças gerando um processo de autoconstrução, narrativa e de composição de sentido.

Com o tempo, as crianças irão desenvolver confiança e permanência a partir da integração do grupo com o professor e as atividades propostas. No momento dos alunos se expressar, fazer suas narrativas pessoais, tem que dar espaço e respeitar a vez do outro, para assim eles se interajam dando sua solidariedade no momento de tristeza e sofrimento.

Segundo Gillig (1999), existe um desinteresse dos alunos em relação ao campo escolar. A leitura para algumas crianças relacionava a este lugar, existindo um obstáculo entre a escola e seu mundo afetivo. Alguns alunos irão apresentar algumas dificuldades, necessitando o tempo todo de apoio para pensar e fazer as atividades para ela. E com o passar do tempo vão despertar a reflexão e o interesse, falar de si mesma e de seus sentimentos. O processo irá estabelecer um espaço transicional com o mundo interno e externo do aluno, possibilitando a capacidade e aprender e criar.

Deste modo, o espaço potencial de leitura permite a criança criar o mundo em que vive, se adaptando ao mundo que lhe foi concebido naquele momento, facilitando um encontro consigo mesma. Utilizar objetos pessoais e compartilhar, auxiliam no desenvolvimento emocional do sujeito, onde já consegue diferenciar qual é parte de seu interior, e qual a parte de seu mundo externo relacionado à sua cultura.

Sendo assim, nas práticas de leitura, deve-se propiciar leitura de histórias seguidas de várias atividades, permitindo abertura para a fantasia, imaginação, simbolização e construção de sentido. A leitura como facilitadora e mediadora, construção de conhecimentos cognitivos, desejo de ler e escrever. O que ela aprende não é o ato, mas o gesto do ato. (COLOMER e CAMPS, 2002).

Considerando o ensino da leitura e escrita fundamental na formação social do indivíduo, essa prática tem a finalidade de formar cidadãos críticos e conscientes. O processo de leitura não é só constituído em atos individuais, o leitor faz parte de grupo social, onde traz consigo experiências prévias e vivências que fazem parte de sua cultura. Porém essa cultura se perde com o tempo, e através da leitura essa cultura pode ser recuperada.

*Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2 (1): 134-154, 2015.

Com o ato da leitura, o leitor passa a entender melhor o mundo que vive, enfrentando os obstáculos que vão surgindo, se tornando um sujeito ativo na realidade em que vive, obtendo uma mudança de comportamento, onde passam a se interessar pelo o que está lendo. Nas práticas de leitura os alunos adquirem uma organização de pensamento, sentidos e significados, permitindo viver um mundo de fantasia, imaginação, simbolização e construção de pensamento.

São muitos os benefícios conquistados pela prática de leitura nos alunos, tendo como exemplos o conhecimento de várias culturas, ideias, pessoas diferentes e visão de mundo. Se a escola não propiciar ao aluno atividades diárias de leitura, o risco do fracasso escolar será maior.

Considera-se então, que a prática de leitura ajuda o leitor se identificar, ser criativo, ter percepção da realidade e posteriormente a simbolização. Cada leitor ao realizar uma leitura, tem um contato direto com o texto, tornando-se um co-autor, relacionando com a leitura suas características e experiências pessoais, tornando o ato de ler importante.

O gosto de ler desenvolve um bom desempenho linguístico, contribuindo para o leitor obter informações e domínios de conhecimento, e compreensão de interpretação. Quanto mais se lê, mais o sujeito se apropria de compreensão de mundo, e devemos motivar os alunos para desenvolver essa habilidade. As histórias participam da construção de conhecimentos, pois, as crianças passam a questionar e se interessar por palavras que não são de seu entendimento, despertando o desejo pela aprendizagem da leitura e escrita.

De acordo com Porcacchia e Barone (2011), as práticas de leitura têm como objetivo principal a participação das crianças na leitura de histórias da Literatura Infantil, práticas de aprendizagem na leitura e escrita. Desperta o interesse pelo significado das palavras resultando no desejo de aprender a ler e a escrever, tendo como foco a construção de seu conhecimento, desenvolvendo narrativas, desenhos e diálogos.

### **Considerações Finais**

Partindo da proposta inicial de analisar as práticas de leitura na Educação Infantil, a relevância deste estudo atribui ao ensino da leitura como processo constante que deve ser iniciado desde cedo, se aperfeiçoando na escola concedendo para as crianças o significado da leitura em suas vidas.

Neste artigo, considerou que no modelo ascendente o leitor processa o texto, partindo das letras, continuando com as palavras e as frases em um processo sequencial, compreendendo assim o texto. Contrariando o primeiro modelo, o modelo descendente afirma que o leitor não faz a leitura letra por letra, ele usa seu conhecimento prévio e a cognição para antecipar a leitura, permitindo assim o reconhecimento global das palavras. Dessas acepções, podemos ressaltar que quanto mais contato e informação ele obter sobre o conteúdo que vai ler, terá menos dificuldade para interpretar.

Um leitor competente é alguém por iniciativa própria é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender essa necessidade (BRASIL, 1998a, v. 2, p. 54).

Neste sentido, o professor tem papel fundamental no ensino da leitura, sendo o mediador nas diversas práticas de leitura que ocorrem dentro da sala de aula, utilizando de diferentes recursos para realizar uma atividade de grande interesse e significativa para a criança.

## Referências

- ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8.ed. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BETTELHEIN, B. A. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. *Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB*. Brasília: INEP, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998a, v. 2.
- \_\_\_\_\_. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998b, v. 3.
- COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. São Paulo: Artmed, 2000.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde Ferreira; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A escola e o ensino da leitura: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2014.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILLIG, J. M. *O conto na psicopedagogia*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999

IRELAND, Vera Esther (Coord.). *Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever*. Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2007.

PETIT, M. A leitura em espaços de crise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 40, n. 3, 2006.

PORCACCHIA, Sonia Saj; BARONE, Leda Maria Codeço. Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura. *Estud. psicol.*, Campinas, v. 28, n.3, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103166X2011000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103166X2011000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 3 abr. 2014.

REGATTIER, Marilza (Coord.). *Educação para todos em 2015: alcançaremos a meta?* Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2008.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.